

Peixe moçambicano é consumido em Moçambique

N. 515/84

O programa de ajuda escandinava a Moçambique MONAP investigou a indústria pesqueira em Moçambique e destruiu uma série de mitos que andavam por aí. Num relatório publicado em Março, o programa MONAP refere que o sector pesqueiro em Moçambique funciona razoavelmente bem.

Durante o colonialismo, não havia muito de indústria pesqueira em Moçambique. Com efeito, a pesca era desencorajada, uma vez que os portugueses queriam utilizar Moçambique como um mercado cativo para os seus próprios produtos pesqueiros. Somente já nos fins do período colonial o Governo colonial português se tornou interessado na pesca comercial de lagostim, essencialmente como um produto de exportação.

Em 1971, o ano de maior produção pesqueira colonial, o consumo anual de peixe foi de 2,8 quilos per capita. Em 1974, decaiu para 1,9 quilo per capita.

Após um maior declínio do consumo durante os primeiros anos da independência (mercê grandemente do colapso do sistema mercantil derivado do êxodo maciço de colonizadores portugueses), a indústria de pesca conheceu um assinalável regresso. Tanto mais que registou um consumo de peixe per capita, em 1983, de 3,7 quilos, mais de 30 por cento em relação ao melhor ano do período colonial (estão excluídas nestas estatísticas, as capturas dos pescadores tradicionais de pequena escala).

Dados os problemas de transporte e refrigeração, este peixe é maioritariamente consumido nas maiores cidades, onde constitui uma contribuição vital para as necessidades em proteínas da população.

O facto de esta quantidade de peixe estar à disposição, é devido a uma considerável extensão da cooperação entre Moçambique e a União Soviética.

Tal cooperação toma a forma de uma empresa mista denominada MOSOPESCA. Cinquenta e um por cento do capital da empresa pertence a Moçambique, através da empresa estatal EMOPESCA, enquanto que os restantes 49 por cento vêm da empresa soviética SOVRBYFLOT.

Diferentemente do que acontece com outras duas empresas

mistas existentes — PESCAMAR, com a Espanha, e EFRIPEL, com o Japão — a MOSOPESCA captura pouco camarão. Ao invés, concentra-se maioritariamente na pesca de carapau, que abunda nas águas moçambicanas.

A MOSOPESCA, ao contrário do que se propala frequentemente, não exporta peixe de primeira qualidade para a União Soviética. Efectivamente, não pesca peixe de primeira (excepto por acidente), uma vez que se decidiu, no campo estritamente nutricional, enveredar pela quantidade mais do que pela qualidade. É preferível dispor do quicá maçador e às vezes completamente desagradável carapau na ementa diária, do que ter atum, apenas ocasionalmente.

Os números mostram que a MOSOPESCA vende toda a sua produção à empresa estatal moçambicana PESCOM. Em 1983, a MOSOPESCA capturou 7,109 toneladas e vendeu 7,965 toneladas à PESCOM. O facto de vender mais do que capturou conseguiu-se através do reforço dado pelo peixe capturado pelas traineiras soviéticas que capturam camarão, sob licença (sobre isso falaremos mais adiante).

A informação estatística facultada pela PESCOM convenceu o elaborador do relatório do MONAP de que quantidades não significativas de peixe escapam aos canais mercantes oficiais.

Nenhum peixe é exportado por Moçambique através da MOSOPESCA ou outra empresa qualquer. O camarão é utilizado como meio de troca com o exterior, mas as capturas de peixe são exclusivamente para consumo local.

Além disso, os 51 por cento que são a contribuição de Moçambique para a MOSOPESCA não são exactamente como parecem. Consistem em moeda local, recursos naturais de Moçambique (o que quer dizer que o peixe está em águas territoriais moçambicanas) e várias embarcações. Algumas destas parecem estar em mau estado de conservação e por isso a MOSOPESCA tem que gastar dinheiro para os pôr em condições. Em parte devido a este factor e por outro lado devido ao baixo preço que a PESCOM paga pelo peixe, a MOSOPESCA nunca teve lucros nos seus cinco anos de existência (1979-1984). Portanto, nenhum dinheiro

foi ainda transferido para a União Soviética. Efectivamente, isto significa que a SOVRBYFLOT concedeu um substancial subsídio à EMOPESCA. O negócio é, assim, muito melhor para Moçambique do que para a União Soviética.

Os soviéticos estão também envolvidos na indústria pesqueira



através do sistema de licenciamento. A frota moçambicana para a captura de camarão, mais duas empresas mistas especializadas em camarão, capturaram 9 100 toneladas de marisco em 1981, mas esta cifra decresceu para 6 100 toneladas em 1983. Uma vez

que a capacidade total das águas moçambicanas é estimada em 1 214 000 toneladas, há abundância de espaço para licenças a serem concedidas. Cada licença refere-se a uma quantidade específica de camarão (ou, num caso, lagosta) pelo qual cada licença paga a taxa de 1 350 dólares por tonelada.

Actualmente existem quatro licenças — para a União Soviética, Japão, RDA e Espanha. Destas, a Espanha tem 18 embarcações e a União Soviética cinco.

As licenças são, na teoria, rigorosos documentos exigindo relatórios regulares sobre as capturas feitas, especificando os portos onde o produto pode ser descarregado e incluindo cláusulas sobre pesadas penalidades (que vão até à confiscação da embarcação) para a violação do contrato. Inspectores moçambicanos, devem estar a bordo de cada embarcação. Na prática, não é possível à Secretaria de Estado das Pescas moçambicana controlar tudo o que as traineiras fazem no alto mar. Mas o relatório do MONAP conclui que «o sistema moçambicano de licenciamento parece ser tão bom como qualquer um».

Foram contratados consultores para sugerir melhoramentos, mas estes não foram capazes de apresentar nada de significativo.

O relatório conduz à conclusão de que se existe algum desvio, é certamente em pequena escala.

Naturalmente, quando estão a capturar camarão, as traineiras soviéticas que operam sob licença encontram também uma certa quantidade de peixe. Este «subproduto» é enviado à MOSOPESCA que, por sua vez, o vende à PESCOM. É por isso que a MOSOPESCA consegue o aparente milagre de vender mais peixe à PESCOM do que actualmente captura.

Apesar de se ter registado um incremento da produção de peixe, Moçambique ainda não é auto-suficiente. Em 1983, 15 735 toneladas foram importadas. Foram-no principalmente da RDA, mas 4 500 toneladas vieram da União Soviética. Isto representa 32 por cento do peixe consumido em Moçambique. Em 1979, cerca de 94 por cento do peixe consumido foi importado. Isto dá a verdadeira dimensão da expansão da indústria pesqueira moçambicana.

Em conclusão, pode-se dizer que a apegada depredação soviética dos recursos pesqueiros tem mais a ver com a psicose da guerra-fria do que com a fauna marítima do Canal de Moçambique. Tais alegações são também, para os moçambicanos, uma séria e insultuosa subestimação da capacidade de Moçambique de defender os seus próprios interesses.